

EW 403: Nas profundezas da água

Ainda no século II,
cerca de 700 anos depois do Buda,
a evolução da tradição do Caminho do Meio deu uma guinada poderosa, com
a chegada do jovem “prodígio espiritual” indiano,
Nagarjuna.

Um dos pensadores mais originais e influentes da tradição budista Mahayana,
Nagarjuna trouxe à tona,
os significados sutis implícitos nos sutras Prajnaparamita ou Sabedoria
Transcendente,
os ensinamentos mais essenciais do Buda:

Seu ilustre tratado sobre o assunto,
O Mula-madhyamaka-karika ou *Versos Fundamentais do Caminho do Meio*,
se espalhou por todo o Tibete, China e Japão...
É possível notar a influência de Nagarjuna na tradição do Caminho do Meio em
quase todos os lugares neste ponto,
o fato de estarmos falando sobre ele agora é, em si, uma evidência de sua
influência!

...

De acordo com a interpretação mística de sua vida,
Nagarjuna mergulhou no reino aquático dos Nagas -
magníficos espíritos meio humanos/meio ofídios -
que protegeram uma coleção de textos Prajnaparamita autênticos com suas
vidas.
O Rei Naga, Viru-pak-sha, entregou os textos para Nagarjuna,
que os trouxe de volta ao mundo humano.

Se esta história é verdadeira ou não, cabe a você decidir.
Mas o que não pode ser negado é que Nagarjuna tornou explícito

o significado absoluto dos ensinamentos do Buda sobre Prajnaparamita, que, pela sua profundidade e apresentação críptica, pode ter caído na obscuridade.

Mas a experiência de sabedoria de Prajnaparamita estava viva em Nagarjuna, e isso o levou a trazer essa tradição de volta ao mundo de uma maneira inovadora.

O legado de Nagarjuna é uma abordagem, uma duradoura estrutura filosófica de raciocínio, que significa uma oportunidade de “entrada” para o significado autêntico dos sutras originais.

Em virtude da grandiosidade de seu serviço aos sutras Prajnaparamita - o mais profundo corpo de ensinamentos do Buda,

nos referimos a Nagarjuna como o pai do Caminho do Meio ou escola Madhyamaka.

Embora inovadora, a maneira como Nagarjuna apresenta Prajnaparamita permanece fiel à ênfase dada pelo Buda à investigação como metodologia e espírito da abordagem.

Assim como a abordagem do Buda, a de Nagarjuna afirma a certeza que emana de ver as coisas por nós mesmos.

(bolhas)

.....

Boas-vindas ao Open Question: um chamado ao brilho interior

Nosso tema para esta temporada: O Eu: Trilhando o Caminho do Meio

Eu sou Elizabeth Mattis Namgyel

Este é OQ 403: nas profundezas da água

.....

.....

Certa vez, enquanto prestava homenagem ao Buda, Nagarjuna disse algo curioso:

“Eu me prostro para aquele que abandonou todas as visões.”

O que Nagarjuna quis dizer com "visão" aqui?

Por que o Buda os abandonou?

É possível NÃO ter visão?

E quanto à “Visão do Vazio” ou “Visão do Caminho do Meio”?

Nagarjuna estaria sugerindo que abandonemos essas também?

Tais perguntas nos aquecem para a aventura no universo da Sabedoria do Caminho do Meio.

...

“O que é visão?” você pode estar se perguntando.

No sentido mais amplo, visão descreve a disposição espacial do nosso campo visual de qualquer ponto de vista e em qualquer momento específico no tempo:

Uma vista pode ser uma visão,

aquela porção de espaço em nosso espelho retrovisor,

ou

as maravilhas que contemplamos através das lentes estreitas de um telescópio.

Nós, os observadores dessas infinitas paisagens em constante mudança, desempenhamos um papel fundamental em sua definição.

Afinal, que acontece com a visão se ninguém a percebe?

Conhecedor e conhecido - sujeito e objeto - surgem na dependência um do outro, fazendo uma pergunta:

O mundo ilumina a mente ou a mente ilumina o mundo no qual existe?

Há algo poético e levemente misterioso aqui.

E em meio a toda essa mistura de ver e saber,
estamos ligando pontos, interpretando dados e tentando dar sentido à vida que
testemunhamos.

“Pontos de vista” se cristalizam em opiniões, preconceitos, ideologias e até
ortodoxias filosóficas, espirituais e políticas.

Estas não são experiências diretas,
mas ideias que moldam a maneira como vemos as coisas.
Às vezes elas nos ajudam e às vezes não.

...

E aí, o que você acha: é possível NÃO ter visões?

Mmm, eu diria que sempre temos um ponto de vista,

...MAS isso não significa necessariamente que sempre vemos com clareza.

Na verdade,

A maneira como vemos nosso mundo cria as causas tanto para a libertação
como para a confusão.

E é por isso que “como” vemos é tão importante

E

“por que” Nagarjuna mergulhou nas profundezas do reino Naga para recuperar
os antigos sutras Prajnaparamita.

Precisamos de ensinamentos que elucidem o que significa “ver com clareza”.

.....
.....

Na espiritualidade,
a mente conceitual é, geralmente, mal vista.
Então, quero fazer uma defesa aqui.

Nossa capacidade de ter pontos de vista:

- extraíndo significado das experiências;
- designando palavras às coisas para comunicar;

e

- dividindo e categorizando as coisas em grupos específicos através da identificação de características comuns,

é uma função natural da mente conceitual.

Duvido que possamos navegar com sucesso na vida sem essa capacidade.

Por que condenaríamos nossa inteligência tão perspicaz... será que é possível condená-la?

No entanto, a confusão surge quando confundimos mente conceitual, com a natureza de dimensionalidade aberta da própria vida.

Deixe-me explicar:

Os mapas nos orientam enquanto percorremos o território, digamos, de uma trilha.

A trilha em si não se parece em nada com o mapa:

é vibrante e cheia de vida.

Sentimos na pele o frescor da brisa,

descobrimos atalhos e locais para descansar.

Nos sentamos numa rocha à sombra de um pinheiro antigo.

Não confundimos um mapa com o território que ele representa.

Nós sabemos disso,

Embora um mapa tenha sua função,

a vida é animada demais para um mapa.

Ironicamente, porém,

quando se trata de maneira como vemos o nosso mundo,

temos a tendência de supor que as coisas estão limitadas ao que pensamos delas.

Em outras palavras, confundimos as designações que usamos para identificar as coisas,

com a própria natureza viva e incontrollável.

Isso não é apenas uma teoria.

Poderíamos chamar isso de reificação.
Reificação soa como um termo técnico,
mas é bastante experiencial, eu garanto.

Às vezes, vamos ler uma manchete de notícias,
que provoca em nós uma forte reação.
Talvez saibamos pouco ou nada sobre a história por trás daquele evento
ou
considere o viés da apresentação dessa notícia.
Apegamo-nos à manchete como uma ideia singular - como um mapa - como se
removêssemos a ocorrência da confluência sempre mutável de elementos inter-
relacionados que a definem.
A mente reativa adere ao título.
Não dá a mínima para os detalhes...

...e assim não paramos para pensar,
por exemplo,
que os indivíduos envolvidos são na verdade, um filho de uma mãe, talvez uma
irmã, um pai, um amigo.
Considere-os no contexto de sua natureza interdependente.
Isso leva a uma experiência que abre o coração e humaniza.
Mas isso exigiria que suportássemos a dimensão aberta do ser.

Infelizmente, tendemos a padronizar para a interpretação que nos parece mais
familiar.

E assim, sem considerar as nuances,
Sem fazer perguntas,
passamos à reificação,
que distorce nossa visão do objeto ou situação em questão
E
perturba nossa mente.

...

Até mesmo reificar alguém de forma positiva pode ter um efeito desumanizador. Anos atrás, minha amiga compartilhou comigo sua consternação, quando, no funeral de seu pai,

todos o retratavam como um santo.

Ela me confidenciou que ele era frequentemente, como ela o descreveu: “Um cacto de figo da Índia!”

Muitas vezes pensamos na deificação como um sinal de respeito, mas aqui minha amiga estava expressando amor pela plenitude da humanidade de seu pai.

Demonizar ou divinizar outro ser humano,
os reduz a uma ideia singular...

não permite a complexidade de quem eles são.

Portanto, eu sempre tento me lembrar

que a maior expressão de respeito que posso dar a alguém

(e isso me inclui!)

é NÃO assumir que sei quem eles são de uma maneira determinada.

.....

Emergindo da reificação,

através do reconhecimento da natureza das infinitas contingências -
pratityasamutpada -

é a experiência de libertação das visões distorcidas e emoções perturbadoras.

Em essência, isso é o que Nagarjuna quis dizer com abandonar todas as visões
ao homenagear o Buda.

Os ensinamentos do Caminho do Meio

Estão centrados no cultivo de Prajna: uma palavra do sânscrito que muitas vezes
é traduzida como:

discernimento preciso

O uso do termo "preciso" aqui
não faz alusão à adoção de uma ideia ou filosofia em particular.
Refere-se à discernir precisamente a originação dependente
como a natureza de todas as coisas.

A originação dependente - ou Pratityasamutpada - corrige as coisas,
Por meio da interrupção de nossas visões distorcidas da realidade.
É por isso que o tema da originação dependente é o próprio epicentro do
Caminho do Meio.
Você pode dizer que Pratityasamutpada é o "herói" - o protagonista da sabedoria
-
da nossa história do Caminho do Meio.

Ao olharmos para a mecânica tanto da ilusão quanto da liberação,
percebemos que a originação dependente não é uma mera ideia...
mas o processo de emergir de mal-entendidos profundos sobre a realidade, para
uma visão clara e desobstruída.

.....

Prajna, ou visão precisa,
torna-se nossa prática formal no caminho do Caminho do Meio.
De acordo com a natureza de Pratityasamutpada,
usamos a análise para "afrouxar" ou "libertar" visões reificadas por meio de,
aquilo que gosto de chamar de "A prática libertadora de olhar e não encontrar".

Aqui encontramos um desafio lúdico:
"Podemos encontrar 'uma coisa' – consciente ou material –
que existe fora da natureza de Pratityasamutpada?...
que não é composto de partes - ou - 'em' relação com outras coisas?"

Por termos escolhido investigar o Eu nesta temporada,
vamos fazer do Eu o foco de nossa contemplação neste episódio.
faremos uma investigação clássica para procurar um Eu que seja

singular ou inteiro: algo que NÃO é feito de partes.

...

Ao ouvir este desafio

Você pode presumir que é possível encontrar um eu singular...

ou

você pode assumir que não é possível! - e tudo bem.

Mas o que importa é investigar,

porque o processo produzirá informações inesperadas sobre a natureza das coisas.

O ponto de análise NÃO visa negar a função ou aparência do Eu.

Então vamos estabelecer

que o eu é uma designação útil – como um mapa,

Enquanto caminhamos pelo território do Eu,

nos deparamos com conjuntos de experiências conscientes e materiais, conhecidos na tradição Budista como skandhas ou aglomerados (agregados), que constituem todos os aspectos da “experiência humana”.

Poderíamos ampliar qualquer aspecto da experiência,

mas vamos nos concentrar em nossa forma física como objeto de investigação enquanto continuamos a caminhar no território do Eu.

Observe que nossos mapas continuam mudando.

começamos com o Eu e agora

percorreremos o terreno do corpo físico.

Esse é o nosso novo mapa.

Ao percorrer o território do corpo,

encontramos uma vasta gama de peças:

um joelho, um cotovelo, uma articulação, membros, sangue, ossos, coração e assim por diante.

Se o corpo fosse um todo singular - não feito de partes - seria inativo.
o movimento e a função do nosso corpo são possíveis por meio da dinâmica de suas partes,
trabalhando juntas,
em busca de equilíbrio no campo da gravidade.

...

Agora o mapa muda novamente:
quando caminhamos pelo território destas partes,
encontramos novamente uma confluência de partes menores inter-relacionadas...
que se dividem em mais partes e depois em partículas ou átomos.

Talvez te interesse saber que na Grécia antiga o termo para átomo se referia a algo que não podia ser quebrado ou cortado – algo que resistia à análise.
Houve muita exploração científica desde então.
Os átomos não são mais vistos como inquebráveis.
Na verdade, universos inteiros de surpresas fenomenais irromperam dos limites de sua chamada natureza inquebrável.
Durante as décadas de 1950 e 60, os físicos descobriram uma variedade de partículas: quarks, strings, léptons, glúons - que eles chamavam de zoológico de partículas.

O ponto aqui é que, desde que você consiga localizar um objeto singular - uma coisa -
seja uma teoria ou um objeto animado ou inanimado,
esse é passível de análise.

...

Ao fazer esta investigação, estamos produzindo informações importantes que não queremos perder:

Observe que esse processo de olhar e não encontrar não afirma e nem nega a existência de um Eu.

Se algo existe ou não,
isso não repercute em nossa experiência do eu.

procuramos um eu singular

e

embora não tenhamos encontrado,
isso não anula nossa experiência nem um pouco.

Na verdade, essa investigação parece produzir mais vida.

Olhar e não encontrar nos desafia a pensar como seria contemplar o nosso mundo sem nos apegarmos às designações de existência ou não-existência.”
existência e não-existência são conceitos dualistas impossíveis de reconciliar.
É por isso que olhar diretamente para a natureza das coisas, como temos feito,
é tão poderoso.

É possível resistir ao hábito da reificação?

É possível aceitar que a vida seja sempre livre ou vazia da ‘coisificação’ que atribuímos a ela?

...que o mapa nunca pode representar totalmente o território.

Estas são questões essenciais do Caminho do Meio.

.....

Quando vemos claramente que a vida sempre será livre ou vazia da 'coisificação' que atribuímos a ela - isso é Prajnaparamita.

Prajnaparamita não possui confusão em relação a natureza de seu objeto;
ela está pronta para uma visão da natureza vazia de todas as coisas.

Ela é o sujeito e Pratityasamutapada - a natureza das infinitas contingências - é seu objeto.

Mas podemos perguntar: isso não é apenas outra visão?

Quando fazemos o check-in em um hotel,
certificamo-nos de solicitar um quarto com vista.

Desejamos abrir as persianas e ter uma visão desimpedida do litoral ou da serra.

A visão do vazio ou a visão do caminho do meio

refere-se a ver com clareza sem os mal-entendidos causados pela reificação.

Claro, poderíamos reificar a vacuidade ou Prajnaparamita e torná-los uma coisa...

nada como um pouco de reificação para transformar qualquer vivência em dogma.

Então, tome cuidado!

Prajnaparamita refere-se à nossa capacidade de testemunhar a natureza das infinitas contingências...

Podemos chamar isso de “visão sem visão”..

...

O texto indiano essencial, O Uttara Tantra Shastra,
descreve a visão sem visão da seguinte maneira:

Não há nada para adicionar,
nem uma única coisa a ser removida,
ao ver as coisas como elas são,
isso é libertação

como sugere o verso:

não temos que remover ou abandonar nada,
é meramente sobre ver as coisas com precisão
essa mente está liberta.

.....

No sutra Dhammapada,
O Buda fez uma espécie de proclamação no momento de seu despertar,
dizendo:

"Construtor de casas, você foi visto! Você não construirá mais uma casa sequer.
Todas as suas vigas quebradas, a trave da cumeeira foi destruída, partiu para o
Disforme, a mente chegou ao fim do desejo." [Dhammapada, verso 154]

O Buda está convocando os impedimentos para a visão clara.
Ele compara o despertar ao ruir de uma casa,
uma vez que suas vigas de suporte foram removidas.

A casa é nossa ilusão,
e as vigas de suporte, nossas visões equivocadas.
A reificação, os pregos e a argamassa mantêm tudo no lugar.

Este versículo deixa claro que
o Buda não saiu da confusão para criar uma nova ideologia,
e que seu despertar não foi uma mera construção ou filosofia.
A dele era uma "visão sem visão",
aquele que se revela quando tudo o que é estranho à sua natureza desaparece.

...

em tibetano:
a palavra para Buda é Sang-gye.
Esta palavra nos oferece uma perspectiva para o processo de despertar do
Buda.
A primeira sílaba, Sang, significa "purificar" - referindo-se ao colapso da
confusão,
Por meio da clara visão.

a segunda sílaba, 'gye'

significa “florescer”.

Mas como não há nada para adicionar ou remover,
o ser que desperta - o buda - emerge naturalmente dos véus da confusão,
como o sol emergindo das nuvens.

E é por isso que Nagarjuna prestou homenagem ao Buda,
dizendo:

“Eu me prostro para aquele que abandonou todas as visões.”

.....

Junte-se a nós ao vivo no dia 19 de agosto às 17h, horário de Brasília,
para nossa próxima CONVERSA AO VIVO com Andy Karr: A prática libertadora
de olhar e não encontrar

Andy estudou com muitos grandes mestres, incluindo Shun-ryu Suzuki Roshi,
Chögyam Trungpa Rinpoche e Khenpo Tsultrim Gyamtso. Ele é autor de vários
livros excelentes como *Contemplating Reality; The practice of contemplative
photography* e seu último livro, *Into the Mirror*. Andy é o convidado perfeito para
nossa conversa ao vivo porque tem um dom especial para mergulhar em temas
desafiadores sem diluir seu significado. Estou ansiosa para conversar com ele
sobre o tema “visão”, seu próximo livro e a evolução histórica do Caminho do
Meio.

Para mais informações, visite <middlewayinitiative.org>

O podcast Open Question é uma produção da Middle Way Initiative,
por Michael Velasco,
com música original composta e interpretada por Chime Mattis